

## **Dois de maio, sábado**

### **Autor do texto: Igor Z. Cerqueira**

Não anotei no caderno o primeiro dia em que não saí de casa por conta da pandemia. Por isso não sei dizer quando começou a se construir essa rotina de isolamento e nem posso contar há quantos dias eu e Bruna estamos mais ou menos como estamos agora, quase sem sair de nosso apartamento no sétimo andar de um condomínio. Eu precisaria buscar informações em outros lugares se quisesse reconstruir uma cronologia de como chegamos até aqui, mas me falta tempo e energia para fazer isso.

Posso dizer que tenho trabalhado muito nesse período, quase sem parar. Li uma coisa ou outra, mas menos do que a média. As notícias pipocam dia após dia, claro, mas elas têm um quê de abstratas – reportagens sobre obras no DF parecem relatos de astronautas construindo algo na lua. Encontros com amigos por videoconferência? Reuniões de família? Sessões de cinema virtuais? Cursos, palestras, mostras, shows, festivais? Articulação política? Neste contexto, me custa acreditar em qualquer uma dessas coisas. Não me parecem acontecimentos reais: são só vídeos de baixa qualidade disponibilizados por alguém que continua fora de alcance. É o Reino das Sombras que Gorki relatou em 1986, agora com cores e sons: os sorrisos não têm vida, tudo tem algo de fúnebre e artificial. São borrões deslizando na superfície de uma tela e tentando me convencer de que isso é o mesmo que conversar com uma pessoa.

Quem sai da caverna não volta mais, pelo jeito.

Alguns fatos chegaram até nós indiretamente, ecoando pelo espaço vazio que une os fundos de três prédios. Vizinhos gritaram uns com os outros durante um “reality show” e eu não entendi o porquê. Um sujeito com violão montou uma estrutura de som na sua varanda minúscula e cantou a todo volume por um par de semanas, compartilhando conosco uma performance que ficaria muito melhor embaixo do chuveiro. Diferentes carros de som passaram pela avenida que não enxergamos: um, da secretaria de saúde, reforçava medidas sanitárias; outro, com som mais potente, financiado sabe-se lá de que maneira, passava a mensagem contrária. Há poucos dias um terceiro bombardeou a vizinhança com um culto evangélico que fazia doer a cabeça enquanto alguém sem

máscara berrava ao microfone que “não irão nos calar”. Algumas pessoas se mudaram. Outras bateram panelas. Um sujeito pendurou uma bandeira do Brasil na sua janela e, vestindo a camisa amarela da CBF, ficou andando de um lado para o outro durante a noite enquanto falava sozinho, parecendo ter montado uma espécie de bunker.

Em todo caso, hoje é a primeira vez que tenho vontade de escrever sobre esses últimos dias. Isso porque, semana passada, tivemos um primeiro acontecimento aqui em casa.

Talvez você saiba que a construção civil não parou no DF durante o isolamento. Para mim isso é mais do que uma notícia no jornal, porque estão acontecendo obras aqui onde eu moro. Trabalhadores de uma construtora chamada “Ideal” têm escalado as paredes externas do prédio raspando parte da tinta e, pelo que Bruna me explica, feito ensaios de percussão, testando quais pastilhas cerâmicas correm risco de cair e precisam ser trocadas. Até recentemente eles eram vultos, como na foto que enfeita o comunicado distribuído aos moradores do condomínio. Víamos as cordas penduradas lá fora, ouvíamos passos e ferramentas, talvez reparássemos em dois pares de pernas com calças jeans caminhando lá longe e lá no alto. Mas semana passada chegou a vez da nossa fileira de janelas.

Estava eu trabalhando no computador (já disse que tenho trabalhado muito?) e a janela estava aberta. Eis que um dos operários entra em cena vindo de cima, como em uma piada visual, e para meio constrangido quando nossos olhares se cruzam. Seguindo o pedido que constava naquele comunicado do condomínio, vou lá fechar a janela e ele me explica que é só para não entrar muita poeira no apartamento. Bruna (que também tem trabalhado muito, mas é mais ser humano do que eu) se aproxima nesse meio-tempo e oferece água a ele e ao seu parceiro. Ficamos os quatro conversando por uns minutos e a própria Bruna eventualmente resumiu tudo em tom de piada: “é bom receber uma visita”.

Nos dias seguintes a coisa se tornou cotidiana. No início da tarde, pouco depois do almoço, recebemos a visita dessa dupla de operários circenses, que param por um instante no meio da sua caminhada vertical. Oferecemos água e trocamos meia dúzia de palavras. Um deles é mais novo nisso de trabalhar pendurado, o outro é mais experiente. Eles nos contam que estão há mais de um mês trabalhando só neste prédio.

Em uma associação inesperada, essas conversas breves pela janela me levaram de volta a uma casa em Diamantina, Minas Gerais, onde as janelas dão para a rua e as visitas se anunciam por elas, batendo palmas ou falando um pouco mais alto. Lá o mundo real está

ao alcance da mão, continuando logo depois das esquadrias de madeira. E quem passa ali fora não são imagens, mas pessoas a caminho de alguma coisa ou algum lugar, seja subindo ou descendo a ladeira.

Para quem ainda não sabia, vieram a pandemia e o isolamento nos ensinar as diferenças entre telas e janelas.